

# FLIT

FESTA LITERÁRIA DE TANGARÁ DA SERRA

*Estórias que fazem História*

## RESUMO, RESENHA E TEXTOS LITERÁRIOS

12 A 14 DE MAIO DE 2021

REALIZAÇÃO



SECEL  
Secretaria de  
Estado de Cultura,  
Esporte e Lazer



Governo de  
**Mato  
Grosso**

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



PÁTRIA AMADA  
**BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL

## **HAMARTIA: UM CONVITE PARA O ROMANCE E MISTÉRIO**

REIS, Pâmela dos

Para muitos amantes de crime e mistério, encontrar algum romance policial brasileiro atual capaz de prender tanto um leitor quanto os clássicos de outrora não é tarefa fácil. No entanto, o mercado literário começa a ganhar novos escritores que fazem jus ao suspense necessário para o gênero. Nesse cenário, Hamartia, da escritora Esperanza Prado, tem se destacado. A autora é formada em jornalismo pela UFRJ e pós-graduada em Turismo pela Universidade de Évora. Esse, que é seu primeiro livro, foi escrito à princípio em um aplicativo de compartilhamento de textos e posteriormente lançado de forma independente no ano de 2020. Dado ao sucesso da aceitação pelo público amante do gênero, Hamartia ganha publicação física pela Editora Letramento no ano de 2021.

A narrativa gira em torno da cativante e bisbilhoteira protagonista Amanda Moretti, fã de séries e filmes policiais. Ela se vê em um desses episódios que ama assistir, quando descobre que seu orientador de mestrado em História da Arte Seamus Murray é sequestrado. Na cabeça da curiosa protagonista, isso só pode ter alguma relação com a pesquisa que ela e seu orientador produzem secretamente na Universidade. Na esperança de encontrá-lo o quanto antes, se vê obrigada a unir-se à Max Murray, o filho irritante e ao mesmo tempo atraente de seu professor.

O enredo poderia ter se perdido no clássico mocinha que depende de uma ajuda masculina para alcançar o sucesso da sua jornada. No entanto, a escritora teve a sagacidade de dar a sua personagem tudo aquilo que leitoras e leitores que se identificam com a jovem buscam: independência. Aqui quem coordena e elabora as estratégias de investigação é a protagonista e o jovem rapaz não vê outra saída a não ser acompanhá-la. O que não significa que ela não tenha suas inseguranças e inquietações em relação ao seu parceiro de jornada. Esse instinto de Amanda a torna uma personagem com características reais e faz ser possível visualizá-la sentada em alguma biblioteca intercalando sua leitura de mestrado com alguma investigação feita por Hercule Poirot ou Miss Marple. Além de ser extremamente destemida e inteligente, a personagem principal consegue ser bem-humorada e focada, características essas que torna a protagonista muito mais verossímil. Amanda não tem poderes, não tem vidência, não possui nada que a distâncie do real, pelo contrário.

Ao ler Hamartia, o leitor ganha não somente mistério, suspense, um pouco de romance e até mesmo boas doses de humor, ganha também uma passagem direto para Dublin na Irlanda. A autora é capaz de levar o leitor ao país, mesmo sem nunca o ter visitado, com a sensação de realmente estar caminhando pelo parque em Malahide ou ainda sentir-se em Howth agraciado pela paisagem do lugar. Essa imersão se torna completa graças ao período em que Esperanza esteve por lá.

A narrativa poderia se tornar cansativa se tivesse apenas esses personagens contracenando o tempo todo, mas não acaba por aí. Ainda se tem a melhor amiga de Amanda, Claire que consegue ser tão interessante quanto a principal e que merecia mais algumas cenas e diálogos. Tem-se, também, o enigmático Hector, esse que pode causar muita desconfiança para o leitor mais ansioso por respostas. Até mesmo o agente Comarc, consegue, em dado momento da narrativa, cativar a simpatia. Embora chegue um momento em que o leitor passe a desconfiar de todos os personagens, é possível a identificação, de modo geral, com todos eles.

Além de algumas referências ao mundo pop, como uma citação ao filme As Panteras (2000) no começo do livro, Hamartia agracia com um pouco mais da história da arte. Isso faz com que o leitor se torne desejoso, por um momento, de ir ao Museu do Louvre e de repente encontrar-se em alguma investigação de roubo de peças de arte.

Em se tratando da escrita, a autora presenteia com uma narrativa leve e fluida e faz com que o leitor nem veja as horas passarem. A divisão dos capítulos é um detalhe à parte, apesar de breves, contribuem para uma leitura cheia de detalhes. Os títulos dos capítulos são frases presentes no corpo do texto e ao perceber essa característica o leitor fica aguardando o momento em que se apresentará no enredo o nome de cada capítulo.

Assim que o leitor finaliza a leitura e faz a associação com o título da obra sente aquele ‘blow mind’ que deixa qualquer um com sentimento de “estava aqui o tempo todo e eu não vi”. Essa é uma das maiores qualidades de um romance policial. O leitor não é feito de bobo, pelo contrário, é surpreendido por uma grande pista que sempre esteve presente e passou despercebida na ânsia de encontrar o verdadeiro culpado.

O que se pode pontuar aqui é que o cenário da literatura brasileira ganha novos nomes promissores e que tem de tudo para se tornarem best-sellers em suas categorias. A escritora Esperanza é um nome novo no mercado literário e vale ficar atento às próximas publicações da autora, já disponível em e-book tem-se o conto ‘O Segredo de Aurélia’ que leva o leitor para a caça às bruxas na Inglaterra (1611) e em andamento ‘Não me deixe esquecer’, mais um romance com mistura de mistério e drama a ser publicado.

Se por um lado devemos exaltar nossos cânones, por outro temos também que abrir espaço para os novos escritores que se destacam no meio literário. Alguns podem criticar o fato de o enredo de Hamartia ser ambientado em outro país que não o de origem da escritora. Não vejam isso como uma aversão à nacionalidade da autora, muito pelo contrário essa característica é fruto das vivências dela em outros países. O que acontece aqui é que a jovem escritora faz um convite para uma viagem um pouco mais longe, mais precisamente do outro lado do oceano atlântico.

A leitura de Hamartia é inovadora no sentido trama, o leitor não se prende o tempo todo à tensão do crime, há outras questões com que se identificar como o relacionamento de Amanda e Max. O fato de que há algumas cenas de perseguição e tensão despertam a torcida do interlocutor para que tudo acabe bem o quanto anos. A obra é um convite para o romance e mistério. Vale lembrar que de modo algum o romance se torna mais importante do que o mistério, pois a escrita consegue equilibrar os dois opostos de modo que não se esqueça que há um crime grave a ser solucionado e ao mesmo tempo lembrar que, assim como na vida real, ter alguém do seu lado torna a situação mais leve.

Hamartia traz para os leitores já acostumados com o gênero uma inovação no quesito leveza e tensão. Os alívios cômicos estão presentes durante diversos momentos sem perder a preocupação real do sequestro. E se o leitor ainda não é devoto aos romances policiais, essa obra é uma porta para o que tudo indica um caminho de uma leitura viciante e prazerosa.

## UM LIVRO IMPACTANTE

GIBBERT, Paula

Este trabalho é uma resenha do livro Flores para Algernon do autor Daniel Keyes, com tradução de Luisa Geisler, publicado pela Editora Aleph em 2018 contendo 288 páginas.

O autor deste clássico norte-americano trabalhou como comerciante marinho, editor e professor de Ensino Médio e em universidades antes de ganhar o prêmio Nebula com este livro que, inicialmente, em 1959, foi publicado em formato de conto e, mais tarde, em 1966, como romance epistolar. A obra foi adaptada para filme em 1968 e para uma peça musical em 1978.

A obra é um marco da ficção científica. Daniel publicou outros sete livros e, só deste vendeu mais de 5 milhões de cópias. O livro foi utilizado em escolas americanas como leitura obrigatória. A inspiração final para essa história lhe veio à cabeça enquanto lecionava inglês para uma turma de jovens com baixo Q.I. ao ser questionado por um deles se, acaso se esforçasse, poderia se tornar mais inteligente.

O livro é narrado em primeira pessoa por Charlie Gordon, um homem rotulado pela sociedade como retardado mental. Trabalhava no mesmo local desde que sua mãe Rose, praticamente obrigou o pai Matt a tirá-lo de casa por achar que ele era uma má influência para a irmã Norma. Rose era obcecada pela ideia de querer que alguma coisa fosse feita para que o filho pudesse se tornar mais inteligente, e por também querer isso, o rapaz aceitou participar da experiência. O pai insistia para que a mãe tivesse mais paciência com o garoto, pois tinha consciência de que o desejo da esposa jamais iria se realizar. Mesmo assim, aceitou a condição da mulher e o levou para ficar aos cuidados de um tio o qual o encaminhou para o trabalho na padaria.

Charlie estudava numa classe especial e via na professora uma mulher angelical; amava-a à sua maneira e ela, a ele. E foi nesta escola que ele foi selecionado para ser o ‘rato de laboratório’.

A obra é escrita no formato de relatório do início ao fim. Os mesmos datam de 03 de março – primeiro relatório – e 21 de novembro do mesmo ano – último relatório. Foram escritos a próprio punho pelo protagonista como forma de mostrar os progressos obtidos por ele depois de ter sido submetido a uma cirurgia neurológica na cabeça como forma experimental. Os idealizadores do experimento trabalhavam em um instituto de pesquisas neurológicas dos Estados Unidos e queriam provar que, através da cirurgia na qual fariam uma intervenção no cérebro dele e com injeções de determinadas proteínas, Charlie poderia se tornar uma pessoa inteligente. O experimento já tinha sido realizado em Algernon, um rato de laboratório, e os resultados foram considerados promissores.

Quando o experimento estava em andamento, Charlie passou a ter consciência de si mesmo e a se sentir desconfortável com isso.

“Sou como um animal trancado do lado de fora de sua jaula boa e segura.” (35% do livro digital)

Era assim que o personagem principal se sentia enquanto percebia que o experimento estava, em determinada medida, dando certo. Sentia como se seu antigo ‘eu’ o visse do lado de fora de si mesmo. Queria voltar a ser como antes, pois quando tinha inteligência limitada era mais visto, mais lembrado. Ele sente as transformações acontecendo na sua mente, porém o que ele se torna não o satisfaz como ser humano. Ele sente que não está se tornando alguém melhor. Nem o amor platônico que sentia antes, ele consegue concretizar agora mesmo sendo mais ‘inteligente’.

Nos relatórios, Charlie deveria contar o que fazia no seu dia-a-dia e como se sentia. Em sua simplicidade, o protagonista contava como era seu trabalho na padaria o que se resumia aos serviços mais inferiores possíveis para os quais não era necessária muita capacidade mental. E também em como era tratado por seu patrão e pelos colegas de trabalho. Seu vocabulário e ortografia nos primeiros relatórios mostravam que seu autor era uma pessoa com um cérebro infantil e com poucos conhecimentos na língua. Contudo, com o passar dos dias, percebia-se nos relatórios claramente seu progresso.

Paralelo a isso, chega um determinado momento em que Algernon começa a mostrar sutis diferenças de comportamento o que leva Charlie a perceber que, com ele, talvez isso também possa vir a acontecer. E isso o assusta bastante. Entretanto, ele não sabe muito bem como agir. Ele se sente muito frustrado.

Durante a leitura, há muito para se refletir sobre as relações interpessoais e sobre a discriminação que sofre quem tem um Q. I. abaixo do considerado normal. Questiona, inclusive, se quem é mais inteligente é mais feliz. É um livro perturbador, que leva à profundas reflexões sobre a importância da afetividade em nossas vidas e, embora tenha sido escrito há décadas, continua extremamente atual.

É uma história triste, muito comovente; mas envolvente porque ser inteligente para impressionar os outros é um desejo de muitos dos seres humanos. Considero a obra como leitura obrigatória e que surpreende por sua originalidade.

## BIBLIOGRAFIA

KEYES, Daniel; traduzido por Luisa Geisler - FLORES PARA ALGERNON. São Paulo, Aleph, 2018

## **CHUVA BENTA DE MARTA COCCO: O DILÚVIO QUE LAVOU A ALMA FEMININA**

ARTUZI, Lamara Laís Marin<sup>1</sup>  
BIEDERMANN, Tania Mara Resplandes<sup>2</sup>

O conto *Chuva Benta* foi escrito por Marta Cocco, escritora e professora, nascida em Pinhal Grande – RS em 1966, radicada no Mato Grosso desde 1992, formada em Letras, doutora em Letras e Linguística, é professora de Literaturas da Língua Portuguesa na UNEMAT do campus de Tangará da Serra onde reside atualmente. O conto foi publicado no livro *Não presta pra nada* em 2016, o primeiro livro em prosa de Marta Cocco, cuja temática é voltada para a representatividade feminina presente nos doze contos que compõem a obra.

O conto *Chuva Benta* aborda a representação de uma das muitas dores que tantas mulheres enfrentam em silêncio, traz a história de uma personagem mulher que vive aprisionada em um casamento abusivo, sem amor e com o marido alcoólatra que, inocentemente, busca ajuda na Igreja. Logo nos primeiros parágrafos da narrativa, alguns elementos são relatados ao leitor: o esforço e urgência da personagem em estar na Igreja e a supremacia masculina até mesmo na *Santíssima Trindade*, o conto destaca a submissão feminina e o conformismo da Igreja. “A mulher chegou esbaforida, suave nas mãos, no rosto, nas costas. Tinha vindo a pé, quase dois quilômetros” ... “Em nome do pai, do filho e do espírito santo (desse jeito mesmo, todos os nomes no gênero masculino, formando uma cruz)” (COCCO, 2016, p. 37).

O contexto do enredo engloba a chegada e confissão da personagem mulher ao padre na Igreja, seu trajeto de retorno à sua residência e o desfecho do conflito em frente da sua própria casa. O início da narrativa descreve o diálogo e emoções das personagens (mulher e padre) durante o período de confissão da mulher que busca ajuda para solucionar algo que achava ser sua própria culpa, um pecado quase inadmissível de se dizer: não queria e não gostava de fazer sexo com o marido alcoólatra, fedido e violento. “Então, padre, eu, sabe, tenho vergonha, mas é difícil, porque ele bebe e vai dormir e não toma banho, e a bebida o deixa muito irritado [...] Coisas que eu não quero fazer, eu não sinto vontade, eu tenho tanta vontade de chorar...” (COCCO, 2016, p. 38).

Barreto (2018) fala como as relações abusivas são uma tentativa extrema de uma pessoa exercer o poder sobre a outra pessoa, seja ele de natureza física, sexual ou psicológica. No caso da violência contra a mulher ela ocorre sob uma sociedade patriarcal que defende a dominação do homem sobre a mulher, a qual muitas vezes aceita a sua situação por diversos fatores entre eles o não reconhecimento pessoal como vítima, medo, entraves financeiros, religiosos e/ou culturais. O autor ainda discute o abuso sexual dentro do relacionamento relatando que muitas mulheres se submetem pois foram criadas em uma sociedade que diz que “as mulheres devem agradar os seus parceiros” ou ainda “se essa mulher não compreender as necessidades sexuais ele terá o direito de procurar outra”. (Barreto, 2018, p. 148)

É importante ressaltar que se não há consentimento em uma relação sexual é considerado abuso, independente do casamento ou vínculo afetivo (BARRETO, 2018). Porém, no conto o padre demonstra mais interesse na demora da conversa que atrasaria a rotina das missas e não percebe o pedido de ajuda implícito na confissão. Assim como a Igreja costuma orientar as suas fiéis, o padre aconselha a personagem a resignar-se e conformar-se, ou seja, a incentiva a manter-se submissa ao marido, esse era o seu papel aceitável no matrimônio. “Filha, reze três ave-marias. Deus criou o casamento para que a mulher seja a companheira do marido. Isso não foi feito para se gostar” (COCCO, 2016, p. 39). Além disso, e por muito tempo ela

<sup>1,2</sup> Graduandas. Letras Português/Inglês, UNEMAT – UAB. E-mail: [lamaramarin1@gmail.com](mailto:lamaramarin1@gmail.com)  
E-mail: [taniaresplandes@hotmail.com](mailto:taniaresplandes@hotmail.com)

também comungou desse pensamento, pois, por ter filhos pequenos seguia resiliente e conformada com a situação, mas com o passar do tempo e os filhos seguindo a própria vida, tudo foi ficando insustentável e sua dor falava cada vez mais alto. “Enquanto os filhos eram pequenos, neles a mulher encontrava a força para resignar-se, conforme lhe aconselhava sempre a Igreja. Agora, as forças haviam crescido de um lado e enfraquecido de outro” (COCCO, 2016, p. 40).

A valorização da submissão feminina como dever e virtude inerentes à todas as mulheres, possui raízes atemporais, visto que desde os textos bíblicos muitos artifícios foram utilizados para justificar e até mesmo culpabilizá-las por tal situação, problemática abordada por Canezin (2004) que afirma:

Realmente, desde a narrativa bíblica da criação a mulher foi colocada em posição de subordinação ao marido. Associada a essa ideia de que a mulher provém da matéria-prima do homem, fez com que se sedimentasse a ideia de inferioridade da mulher perante o homem. (CANEZIN, 2004, p. 145)

Além disso, Canezin (2004) aponta o papel das Igrejas cristãs no mundo ocidental e em especial, a Igreja Católica, como mantenedoras da submissão da mulher ao homem, seja através de ritos, dogmas, vestuários ou comportamentos virtuosos impostos, proibição do ingresso de mulheres à vida sacerdotal e mais precisamente comprovado através de encíclicas papais publicadas durante anos. Tanto esforço, até mesmo de renomadas instituições, com o intuito de perpetuar o conformismo e o silêncio entre as mulheres.

O clímax da narrativa acontece no caminho de volta para casa, quando após ter saído da Igreja pior do que chegou, a personagem mulher caiu de joelhos ao chão e sem intermediários, pôde se conectar verdadeiramente com Nossa Senhora, através de suas próprias orações e súplicas mais íntimas e verdadeiras, conseguindo aliviar sua angústia e sentindo uma estranha sensação de paz. “Ergueu seus olhos para o alto, pôs toda a força que conseguiu no pensamento e rezou para Virgem Maria [...] Virgem, se você nunca precisou abrir as pernas para homem nojento nenhum, se nunca teve de sufocar gritos de dor para não despertar os filhos, afasta de mim este calvário” (COCCO, 2016, p. 39)

Ao chegar em casa, a mulher descobre que o seu marido foi baleado pelo vizinho por ter engravidado sua filha mais nova, portadora de Síndrome de Down. Ela não sente tristeza nem tampouco chora pelo marido morto, mas se solidariza pela dor daqueles pais e da moça grávida, confortando-os com abraços e palavras, mesmo com a chegada da polícia, a mulher prontamente advoga a favor do vizinho. “A mulher não derramou uma lágrima [...] Quando a polícia chegou, adiantou-se e implorou que deixassem o pobre homem solto, que não o algemassem, que não o levassem dali que era honrado, que amava a sua mulher e as suas filhas, que era devoto da Mãe de Guadalupe” (COCCO, 2016, p. 40).

O desfecho da narrativa acontece com a chuva caindo, como que se Nossa Senhora atendesse às súplicas da mulher, lavando o corpo ensanguentado do marido, levando embora os vestígios de um crime. “O corpo no chão, em poucos minutos foi lavado pela água barrenta da enxurrada. Não se via mais nenhum sinal do sangue” (COCCO, 2016, p. 40).

A narrativa apresenta elementos cruciais para compreender a realidade sofrida da personagem principal, com um avassalador conjunto de detalhes torna possível compreender o sentimento de alívio da personagem mulher com a morte do marido, terminando seu sofrimento de um relacionamento abusivo, de uma forma em que ela não precisou tomar uma decisão que fosse contra a Igreja ou a sociedade. Implicitamente, a chuva apagou as provas do crime e não houve prisões ou julgamento: a chuva benta solucionou a situação.

O conto *Chuva Benta* apropria-se de uma das muitas funções da literatura, além de entreter, nos leva a refletir acerca da função social feminina, dá voz à representação da vida de tantas mulheres e acende a luz de um importante debate interno: será que a sociedade está atenta

aos pedidos de ajuda de tantas mulheres em situações abusivas? Certamente, esta seria uma importante contribuição da narrativa, que traz um contexto aparentemente comum, para tecer uma importante crítica: horrivelmente, a sociedade acostumou-se com a ideia de casamentos infelizes e mulheres submissas sofrendo caladas em nome dos filhos e de princípios religiosos.

Através de uma escrita perspicaz e objetiva, o leitor é levado a sentir um pouco da angústia diária enfrentada pela personagem, neste enredo possivelmente real à tantas mulheres brasileiras. Por fim, ao apresentar uma sutil crítica social, fomenta o debate acerca da submissão feminina e do modelo opressor patriarcal feito para silenciá-las até mesmo nas instituições que deveriam apoiá-las. Sim, é possível acreditar também que aquele crime foi bom, se é que isso possa existir, nesta narrativa com certeza existe.

## **REFERÊNCIA**

- BARRETO, Raquel Silva. **Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final**. Gênero: Niterói, v.18, n.2. 1. sem. 2018
- COCCO, Marta Helena. **Não presta pra nada**. 2. ed. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2016.
- CANEZIN, Claudete C. **A mulher e o casamento: da submissão à emancipação**. Revista Jurídica Cesumar – v.4, n. 1 – 2004.
- MAHON, Eduardo. Marta Cocco. **Pixé Revista Literária**. ano 3. n° 24. p. 26-31. março/2021 Disponível em <<https://www.revistapixe.com.br/marta-cocco-5>>. Acesso em 16 de março de 2021.



**PRÁTICAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

COSTA, Alessandra<sup>2</sup>  
WERLE, Ana Paula<sup>3</sup>

Este trabalho tem o propósito de relatar uma intervenção pedagógica no âmbito da leitura literária desenvolvida com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da “Escola Estadual João Ribeiro Vilela”, na cidade de Primavera do Leste/MT. Afetados por uma crise sanitária desencadeada por meio da COVID-19 em que nos conduz a uma reflexão acerca da nossa luta diária pela sobrevivência em meio a tanto luto, vale a pena buscar na literatura o prazer pela leitura, uma vez que nos fornece elementos para refletir e seguir em frente. O gênero escolhido para desenvolver uma sequência didática que compôs o plano de intervenção pedagógica foi o poema, mais especificamente o poema da Literatura de Cordel. A escolha se deu por considerá-lo um gênero cuja função socializadora de saberes possibilita ao professor de Língua Portuguesa muitos caminhos para transmitir e despertar o conhecimento acerca da poesia de cordel e das variações da linguagem, leitura prazerosa, que estimula nos alunos a criatividade, musicalidade, humor e a identificação com situações rotineiras como a que estamos vivenciando atualmente e que é retratada nos poemas de Anne Karolynne Santos de Negreiros, poetisa e enfermeira especialista em saúde mental em Campina Grande, no Agreste da Paraíba. Trata-se de um cordel para conscientização à prevenção do novo Coronavírus. A ela somam-se produções de grandes autores de Cordel no Brasil, como: Ariano Suassuna, Pativa do Assaré entre outros, além das produções dos próprios alunos. Os discentes tiveram acesso ao material trabalhado por meio de apostilas previamente elaboradas, livro didático e durante as aulas mediadas por meio do Google Meet e/ou WhatsApp com momento de discussões síncronas e atividades realizadas de modo assíncrono. Os atendimentos mediados por tecnologia aconteciam em grupo (durante o horário da aula) e/ou individualmente (momento posterior a aula). Ao analisar os resultados obtidos durante as aulas ministradas - deste o levantamento de conhecimento prévio dos estudantes, apresentação dos poemas de Cordel para ampliação de repertório e especificidades do gênero (teoria) até se chegar a prática de produção textual – procuramos elencar pontos positivos e/ou negativos que contribuíram para uma reflexão acerca da função social do Cordel bem como despertar o gosto pela leitura literária. A fundamentação tem como base os estudos de Petit (2009), Vicent (2012) e Bragatto (1995), no tange aos estudos literários sobre o cordel no Ensino Fundamental destacamos Lima (2006), Solé (2007) e Galvão (2001). Importante destacar que a abordagem da Literatura de Cordel foi sob um viés sócio-histórico, pedagogizante e humanizadora. Os resultados obtidos atestaram que o gênero cordel é um texto rico em possibilidades linguístico-culturais, proporcionando ao aluno crescimento/desenvolvimento de sua capacidade interpretativa, ampliando também a oportunidade de identificação deste público com a sua cultura local e/ou de outras regiões.

**Palavras-chave:** Literatura de Cordel; Ensino, Literatura Popular, Leitura Literária.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR); Membro do Grupo de Pesquisa Alfabetização e Letramento Escolar – ALFALE e professora de Língua Portuguesa da rede pública do Estado de Mato Grosso – SEDUC/MT. E-mail: Alessandra\_pva@hotmail.com

<sup>3</sup> Docente na Secretaria Municipal de Educação de Rondonópolis; Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Rondonópolis. E-mail: anamoerschbacher@gmail.com

## **A IDENTIDADE HUMANA EM CONFORMAÇÃO**

OLIVEIRA, Mayara Landim de  
FONSECA, Vinicius

A identidade e a diferença se produzem ativamente. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Surgem de contatos e de relações interpessoais. A identidade e a diferença são criações socioculturais.

Para Tomás Tadeu da Silva (2000), a identidade parece ser fácil definir por se tratar simplesmente do que, ou seja, tem como referência a si própria. No entanto, falar de identidade não é tão fácil assim.

Em sua afirmação, Silva não versa sobre a constituição identitária. Não resta dúvida de que a identidade é aquilo que define um sujeito. Mas inquirir sobre sua constituição, como ela se conforma, é uma interrogante desafiadora.

A afirmação "sou brasileiro", na verdade, é parte de uma extensa cadeia de "negações", de expressões negativas de identidade, de diferenças. Por trás da afirmação "sou brasileiro" deve-se ler: "não sou argentino", "não sou chinês", "não sou japonês" e assim por diante, numa cadeia, neste caso, quase interminável. Admitamos: ficaria muito complicado pronunciar todas essas frases negativas cada vez que eu quisesse fazer uma declaração sobre minha identidade. A gramática nos permite a simplificação de simplesmente dizer "sou brasileiro". Como ocorre em outros casos, a gramática ajuda, mas também esconde. (SILVA, 2000, p. 1).

Ainda segundo Silva, a identidade se afirma, principalmente, pela negação, mas nem sempre se pensa dessa forma. Assim, a dimensão problemática da compressão da identidade visualiza-se nas várias formas que para ela se olhou ao longo dos tempos. Stuart Hall (2006) afirma que uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Para o autor, a realidade nos apresenta um complexo grupo de diferentes identidades, pois à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis com as quais podemos simpatizar, mesmo que temporariamente.

Hall (2006) nos apresenta uma definição de identidade marcada por três concepções produzidas ao longo da história dos últimos séculos. A primeira está relacionada à concepção de sujeito do Iluminismo, tal sujeito estava baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. Essa era uma concepção bastante individualista do sujeito. A segunda concepção de identidade se relaciona à concepção de sujeito sociológico, nessa concepção estava traduzida a crescente complexidade do mundo moderno. Via-se a identidade como um processo em construção a partir da interação entre o indivíduo e a sociedade. A terceira concepção de identidade vincula-se à ideia de homem pós-moderno e parte-se da premissa de que o sujeito possuidor de uma identidade estável, seja ela construída ou inata, está se fragmentando e sendo composto por várias identidades. Pensa-se que o sujeito não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas vivencia processos de identificação.

A problemática da identidade e as discussões em torno dela emergem com força na modernidade, porque a sociedade moderna é marcada por mudanças constantes, rápidas e abrangentes. Como argumentou Melucci (2004, p. 44): "a experiência da falta leva-nos, portanto, inevitavelmente a questionamentos sobre nós mesmos". O questionamento sobre

quem somos que é constitutivo da modernidade é um indagar sobre a própria identidade. Esse questionar coloca tanto a identidade como o conceito de identidade em crise.

Regida pela ideia de que a verdade sobre o homem é um algo a ser alcançado, a modernidade é repleta de descobertas que estão sempre abalando saberes consumados, inclusive as assertivas sobre identidade. A grande descoberta do inconsciente por Freud é uma teoria que explica a identidade como algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes. Desmantela, assim, a ideia de identidade como algo inato, existente já na consciência desde o momento do nascimento do ser.

Outro momento de descentramento da identidade e do sujeito provém, segundo Hall (2006), dos estudos de Foucault (2014), quem analisa a constituição dos sujeitos mediante múltiplos processos de sujeição, conduzindo-nos inevitavelmente a necessidade de nos reconhecermos na fala do outro.

A partir das colocações de Freud e de Foucault, é possível pensar que existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre a identidade e que ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, poderíamos vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto de uma essência que já estaria dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

Melucci (2004), afirma que a identidade, se funda em uma relação que compreende nossa capacidade de reconhecermos e a possibilidade de sermos reconhecidos por outros:

Nossa identidade, em sua concretude cotidiana, é dada pela capacidade de manter a união entre esse conjunto de relações: a forma como nos reconhecemos e afirmamos nossa diversidade, como interiorizamos o reconhecimento por parte dos outros e a definição que eles formulam sobre nossa diferença. Esse sistema nunca é um dado definitivo, mas um processo trabalhoso de recomposição da unidade e do equilíbrio, processo que se altera conforme as modificações dos elementos internos e externos do campo. (MELUCCI, 2004, p. 50).

Identidade, pois, na perspectiva de Melucci, nunca está posta, nem é definitiva. Alterações do processo, modificações dos elementos internos e externos, recomposição da unidade promoverão modificações da identidade. Será, portanto, no momento de desequilíbrio que surgirá a possibilidade do conflito e da redefinição das identidades.

Ao analisar as diferenças nas estruturas sociais que nos definem como indivíduos dotados, por isso, de identidade em conformação, pode-se perceber que se é verdade que somos de certa forma, governados pela estrutura da linguagem, não podemos nos crer independentes dentro deste sistema, pois somos dependentes, neste caso, de uma estrutura que balança. O adiamento indefinido do significado e sua dependência de uma operação de diferença significa que o processo de significação é fundamentalmente indeterminado, sempre incerto e vacilante.

A identidade e a diferença estão interligadas dentro de um sistema de significação, pois quando digo que sou, o faço em comparação com outro. É por meio da representação que a identidade e a diferença adquirem sentido. Stuart Hall (2006) recupera o conceito de representação pós-estruturalista, o qual permite desenvolver uma conexão teórica entre identidade e diferença. A identidade por mais que seja individual, é também parte de um coletivo, pois é construída em interação. Compreende-se também que a identidade não é e não pode ser fixa, porque a fixação é a negação do processo necessário à sua constituição.

A identidade corresponde a um processo sempre em consumação em que meio e sujeito são ativos nos deslocamentos e modificações do eu. Esse processo é vivenciado pelo sujeito em um ato singular de uma determinada situação social. A identidade é compreendida como uma

construção pela qual o sujeito extrai sua singularidade e afirma seu pertencimento. Ela está enraizada na individualidade, porém sempre é construída na relação com o outro.

Considerando, segundo o afirmado pelos teóricos, que a identidade é uma instância em aberto e que depende das relações humanas e dos homens com o espaço e com o simbólico.

## **REFERÊNCIAS**

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, pp.7-22, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, pp. 73-102, 2000.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**: a mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo (RS): Unisinos, 2004.

## SEMPRE É BOM COLOCAR ALGO MAIS DE LUZ

GONÇALVES, Alyne Gomes  
KRAUSS, Flavia

“Vamos ter que colocar luz aqui” do escritor argentino Damían Ríos é uma das primeiras dez publicações de Eloísa Cartonera, a primeira editora cartonera que surge na América Latina. Originalmente foi publicado em espanhol e sua tradução foi feita por um grupo de alunos do Curso de Letras de Tangará da Serra, sendo também um dos dez primeiros títulos da Curupira Cartonera.

Não é bem um romance, mas uma coletânea de cartas escritas para sua ex-namorada. Em uma entrevista ao grupo de alunas que foi até a casa do autor levar a tradução de sua obra em mãos, Damían Ríos lhes contou, do relato foi escrito o prólogo que apresenta poeticamente este romance curto:

Este livro não é uma carta de amor; este livro são muitas cartas de amor. Nos contou o autor, Damían Ríos, que a obra é uma seleção de cartas que ele decidiu escrever para uma namorada que, um dia, decidiu não mais ser sua namorada. Como a decisão foi unilateral, ele pediu para que, pelo menos, pudesse escrever e lhe entregar cartas, todas passadas por debaixo da porta: jeito que encontrou de fazer com que seu corpo continuasse presente na frente do corpo amado. E ele escreveu. Escreveu muito. Escreveu bonito. Escreveu profundo: sobre o amor, sobre a morte, sobre os modos como o amor pode vencer a morte, sobre os modos como o amor serve de mote para uma escrita que ultrapasse a morte. E um dia decidiu passar esta carta por debaixo de outras portas. E decidiu fazer das cartas um livro (KRAUSS, 2019, p.03)

Damián narra em primeira pessoa – de fato, ele próprio aparece no interior da narrativa, como se vislumbra nesse diálogo com sua avó materna: “Me aguentou um mês em sua casa, e uma tarde ao voltar do trabalho, do meu primeiro emprego que consegui em Buenos Aires, me disse: Damián, aí tá a sua mala com roupa limpa. Passadinha.” (RÍOS, 2003, p. 07)

Através de imagens dos acontecimentos de sua infância, vividos ao lado de seus pais, avós e amigos, da sua adolescência e juventude, o autor nos transporta para Entre Ríos, uma das 23 províncias da Argentina, nos anos 70 e 80. Ele entrelaça os tempos, sai de um passado distante e nos traz para um tempo quase presente – junto com ele no ontem, em uma espécie de encantamento que inclusive ele descreve na obra, como a sensação que tem ao ler seus autores preferidos:

A noite passada quando saí do trabalho fui à casa de Daniel e ficamos falando sobre encantamento. Do prazer de encantar e de estar encantado. Dos bons poetas, Saer, Juanele, que conseguem nos deixar tontos, quero dizer, que o leitor não tem consciência plena de onde está nem para onde está sendo levado, mas se deixa levar e esse é o poder que tem ao escrever, narrar e saber, sobre a língua.” (RÍOS, 2003, p.5).

Os “fragmentos” que compõe a obra são momentos de sua vida, alguns incompletos, mas que se complementam e se alternam cronologicamente.

Na infância, o narrador se define como uma criança sem muitos talentos: “Nunca me dei bem com bolitas, perdia para quase todos do bairro, da mesma maneira acontecia com as figurinhas. Na realidade não me destacava em nada.” (RÍOS, 2003, p. 01), nos relata uma infância comum, escreve com poesia e nos guia para as lembranças dos pequenos acontecimentos que marcam sua memória e agora estão eternizados em sua obra.

Viveu com seus pais, até que sua mãe faleceu: moravam em uma casa ao lado da casa de sua avó Felipa, e as casas tinha uma ligação lateral que só eles usavam. Damián inicia a narrativa com essa imagem:

Minha casa ficava na metade do quarteirão e possuía duas entradas: a da vovó e a nossa. Nós: Mamãe, Papai e Eu. Eu sou o que conta e o que conhece essa história. A entrada da casa da vovó estava mais abaixo, era apenas um buraco na cerca. (RÍOS, 2003. p. 1)

Ao sermos abraçados pela narrativa, temos a impressão de que esta é uma carta que vai nos mostrando como o amor pode nos salvar de morrer. “As mortes, as mortes parecem que foram marcando o relato, não?” (RÍOS, 2003, p.12) é o início de um pequeno fragmento da obra que surge como se nesse momento o narrador se desse conta da forma como as mortes foram marcando seus primeiros anos de vida: primeiro sua mãe, depois sua avó paterna Felipa, de maneira que o autor constata: “Na verdade, parece que a morte irrompe de vez em quando para dizer justamente que dela nada se pode dizer.” (RÍOS, 2003, p.12).

As mortes acarretam mudanças; a primeira delas acontece com a morte de sua mãe, quando o narrador tinha sete anos e era “pequeno demais para conseguir memorizar sua voz”. Era abril de 77 e obrigou o narrador ir morar com uma avó materna adotiva, avó Carmem a segunda esposa de seu tio Pepe. Das mudanças: a escola, o bairro, ficar distante de seu pai e de seus primos.

Também existem lembranças de sua avó Felipa, a mãe de seu pai, o narrador a descreve como uma linda senhora que gostava de ouvir *folclore* (gênero musical argentino, que une composições dos povos originários com a influência dos colonizadores), que todas as tardes o convidava para tomar chimarrão e contar-lhe histórias de quando ela era jovem. Ela faleceu em 1986, Damián tinha 16 anos.

O narrador conta do seu primeiro amor e primeiro desencontro amoroso, fala sobre mulheres que passaram pela sua vida, colegas de escola, outras de trabalho, sobre sua partida para Buenos Aires e a forma como preferiu não se despedir, como nesse fragmento: “O que posso te dizer é que vim de um povoado às 11 e pouco da manhã. O ônibus saía às 12, um pouco antes troquei a passagem para que ninguém fosse se despedir de mim. Isso já está escrito. O ônibus já está funcionando e a gente está esperando que nos levem de uma vez” (RÍOS, 2003. P. 6).

Damián também nos dá pistas sobre o texto que está escrevendo, entrelaçando rascunhos que ora falam sobre ele: “Na linha seguinte deixei cinco espaços e depois digitei: “*É a última vez que te escrevo uma história.*”” (RÍOS, 2003, p.25), fazendo referência as cartas que escreve a ex-namorada, ora que falam sobre seu personagem e seu alter ego *Caserito*, que também fora deixado pela namorada.

A história termina com um encontro entre enunciado e enunciação: Damián anuncia que essa seria a última vez que ele lhe escreveria, discorre sobre o ato de escrever e sobre o que ele pensa que seja uma escrita potente:

Mas para mim não é uma habilidade que me valha, para mim me interessa a honestidade. Ser honesto é infinitamente mais difícil que ser habilidoso. Por outro lado, eu sei um pouco mais agora que faz algumas semanas e o é que esse saber não me serve para nada ou para saber e nada mais, que já é bastante lindo. Te contei Minha História, te contei Minha História? Não sei, mas era uma das ideias; a outra poderia resumir assim: te contei. (RÍOS, 2003, p.30)

Assim como ele descreve, ele executa: com potência e encantamento. Caso a leitora tenha vontade de saber como é essa escrita potente e encantada, adiantamos que em breve ela

estará disponível no catálogo online da Curupira Cartonera, em <https://issuu.com/curupiracartonera>

### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

RÍOS, Damián. Vamos ter que colocar luz. Buenos Aires: 2003. Eloisa Cartonera. Tradução: Curupira Cartonera. Tangará da Serra, 2019.

## **A INTERAÇÃO DOS ELEMENTOS REGIONAIS COM O PERSONAGEM, O TEMPO E O ESPAÇO NO CONTO BANZO, DE DICKE**

CORREA, Keiliane Lopes<sup>4</sup> (UFR)

O conto O Banzo, de Dicke narra a história de um arrependido matador de jacarés transformado em mito rural por conta da sua mania de comer os caçadores de pele. Belarmino que acredita ser um jacaré, defende o seu território de forma violenta com a intenção de resgatar o ambiente natural onde vive, acreditando que assim obterá a redenção e o amor de Orejana, deusa do amor.

A obra de Ricardo Guilherme Dicke é construída do imaginário mato-grossense, o mito é criado a partir de uma ligação com o espaço de Mato Grosso. O homem mato-grossense em Dicke representa em sua poética um ser universal, por isso suas obras são consideradas regionais e universal, além de revelar valores, locais sem ser bairrista, num processo de construção e re-construção da história da cultura regional.

Quanto ao seu conto pode ser observado que o autor relaciona o personagem Belarmino com os animais regionais de Mato Grosso representado pela figura dos bichos do pantanal como a onça, o crocodilo e o jacaré, e também faz uma relação com os animais de outro país como os crocodilos do rio Nilo. Esses animais ao longo do conto se misturam com o personagem, pois ao mesmo tempo em que Belarmino ou Banzo deseja ser um bicho parece que o mesmo se transforma em um crocodilo, outra hora em inseto ou onça e até mesmo em capricórnio, ou seja, parece que a imaginação ou o sonho torna-se realidade e o personagem se transforma em animal como no trecho “meu coração se esquenta, sinto meu corpo encompridar-se: sou o rei dos crocodilos, príncipe dos jacarés”. Depois Banzo sonha ser escorpião que reina no Egito, assim podemos perceber que o personagem quer ser sempre superior.

Dicke não distancia na sua poética o homem dos animais, ou seja, é como o se o homem humanizasse a natureza dando vida a ela, o autor coloca a natureza e o homem no mesmo nível. Dentro do conto pode ser percebido também características regionais como, por exemplo, quando o personagem fala das flores brancas chamadas de lírio de São José, flor típica de Cuiabá, ou quando o personagem menciona o mato do Pantanal e até mesmo o pé de pequi no trecho “E eu, Belarmino Rossel assentei-me sob um pé de pequi e comecei a ler o livro dos Xaraiés (...)” “Eu e Orejana fizemos amor sob o fulgor das estrelas na praia cheia de flores brancas chamadas de lírio de São José, (...)” “O Ancestral é um bicho peludo que vem andando devagarinho cauteloso, com os ouvidos à espreita no meio do mato do Pantanal (...)” Mas o autor não se limita somente nas características regionais é considerada regional e universal.

Outra característica curiosa em sua poética é a questão do tempo, não existe um tempo cronológico, o tempo é marcado pelos elementos da natureza como a água, o sol e a lua, representado em várias passagens do conto como, por exemplo, “sol da manhã, sem nunca poder voltar atrás, nem jamais deter-se”. Percebe-se que sua poética o tempo é atemporal, ignora-se o tempo cronológico, o autor projeta o tempo no espaço mítico. O fluxo atemporal no conto é marcado pelos sons das águas da cachoeira.

Assim como o tempo o espaço no conto não é definido, pois uma hora o personagem descreve estar no Egito, outra hora na Bolívia, na África, na Índia, na Malásia e em outros tantos lugares, por isso o espaço não é definido confirmando mais uma vez a característica regional e universal, dentro da sua poética.

<sup>4</sup> Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação (PPGEDu) da Universidade Federal de Rondonópolis; Professora da educação básica de MT graduada em Língua Portuguesa pela UFMT, keilianelopescorrea@gmail.com



Dicke também relaciona no conto o personagem com o local, por isso seu personagem não é limitado ao psicológico, é construído a partir do espaço com contexto histórico, com o tempo e a natureza.

Por fim, a questão existencial do conflito interno e externo na narrativa de Dicke é marcada no conto através do conflito do personagem com a ruptura do seu grupo, espaço, ou seja, o personagem vive dois momentos, o primeiro quando Banzo é caçador de jacaré e o segundo é quando ele se transforma em protetor dos jacarés.

## **REFERÊNCIAS**

DICKE, Ricardo Guilherme. **Uma nova estrela**. In: Freire, Silva. Silva Freire: Social, criativo e didático. Cuiabá: Imprensa Universitária, 1986.

DICKE, Ricardo Guilherme. **Banzo**. In CARRACEDO, Maria Teresa Carrión. Fragmentos da alma mato-grossense – Conteúdos: Manoel de Barros / Silva freire / Wladimir Dias Pino / Lucinda Persona / Ivens Cuiabano Scaff / Ricardo Guilherme Dicke. Cuiabá: entrelinhas, 2003.

## O MODERNISMO EM MATO GROSSO

CORREA, Keiliane Lopes<sup>5</sup> (UFR)

O Modernismo no cenário da Literatura Nacional desenvolveu-se sob dois propósitos: o primeiro pretendia adequar a literatura brasileira ao contexto europeu, isto é, as vanguardas europeias, e o segundo propósito buscava fixar uma identidade nacional, redescobrir o Brasil mostrar as belezas do cenário brasileiro.

Já o Modernismo em Mato Grosso foi desenvolvido por um grupo de escritores cuiabanos que fundaram a revista Pindorama, sob a direção de Rubens de Mendonça, Gervásio Leite e João Batista Martins Melo que mais tarde foi substituído por Euclides Mota. Segundo, Rosana Rodrigues da Silva, o atraso literário entre a produção local e rumos da literatura moderna brasileira foi sentido pelo grupo de escritores cuiabanos que para tentar sanar esse atraso o Estado cria em 1932 uma renovação literária, momento em que a vida literária cuiabana intensifica-se com a fundação da Academia Mato-grossense de Letras.

De acordo com Rubens de Mendonça, o período de 1932 e 1937 representa, para Mato Grosso, um século de evolução literária no Estado. Esse curto período concentra diferentes manifestações literárias e delinea um perfil anacrônico (atraso) e, ao mesmo tempo, eclético da literatura mato-grossense. Em um mesmo século, estão românticos, parnasianos, simbolistas e modernistas. Mas são os simbolistas e os modernistas que promovem a ruptura à primeira ação dos Modernistas criando a revista Pindorama.

A criação da revista Pindorama, segundo Mendonça pretendia ser “o grito de revolta contra o academismo”, “um programa de revista de moços, com novidade e atualidade”, porém o fato é que o grito não ecoou como era esperado, pois a proposta da revista não deu certo porque os escritores cuiabanos queriam publicar somente o novo, ao contrário da revista de Minas Gerais que misturava o velho com o novo. De fato, não tem como falar do novo sem falar do antigo, por isso a proposta do novo da revista Pindorama não teve repercussão.

O modernismo em Mato Grosso tinha a função de preservar a identidade, ou seja, a literatura mato-grossense é particular porque não é nem literatura brasileira e nem nacional e específica, ela se refere a um só lugar, ao contrário da proposta do Modernismo de São Paulo que preserva o nacional, faz relação com o exterior, o estrangeiro.

Entretanto, a revista Pindorama foi substituída pelo movimento Graça Aranha que segundo Manuel de Almeida Lima destaca em seu artigo um trecho do texto do Manifesto que diz:

O movimento Graça Aranha visa, acima de tudo, possibilitar às nossas realizações artísticas o lugar que merece dentro da terra brasileira. Levar à nação a nossa mensagem feita de crença nas coisas do espírito, de solidariedade e de compreensão. Queremos transmitir à inteligência mato-grossense esse dinamismo criador que sacode todo o país na hora decisiva em que vivemos. Certos que os confrades compreenderão nosso objetivo e guardando os vossos pronunciamentos, somos mui atenciosos...(apud MENDONÇA, 1982, p. 134-135).

O manifesto graça Aranha não tem proposta de ruptura, mas sim uma proposta de tradição dentro da tradição, percepção de poder dentro das letras, o valor da tradição de preservar a identidade de Mato Grosso. Gervásio Leite queria integrar os homens de letras, os intelectuais nos setores da vida do Estado, isto é, queria situar a inteligência na corrente da vida nova para unirem as forças em prol a cultura mato-grossense.

<sup>5</sup> Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação (PPGEDu) da Universidade Federal de Rondonópolis; Professora da educação básica de MT graduada em Língua Portuguesa pela UFMT, keilianelopescorrea@gmail.com

Conforme, Mendonça, o manifesto Graça aranha pretendia “possibilitar às nossas realizações artísticas o lugar que merecem dentro da Terra brasileira.” O manifesto modernista no Estado foi, sobretudo, um desejo de autoafirmação de uma literatura que reclama a devida participação no Cânone, um despertar por uma busca identitária, ou seja, o modernismo desejava participar do cânone de entrar na literatura universal, mas esse desejo tem um certo prejuízo para as obras mato-grossenses, pois teria de ser apagado os traços regionais.

Dessa forma, devido ao insucesso da revista Pindorama e do Manifesto Graça aranha, cada integrante dos grupos Modernistas seguiu seu próprio caminho, o que pode ser comparado com os aspectos dos Modernistas de São Paulo ou do Rio de Janeiro que se estendeu aos de Mato Grosso, na busca por uma personalidade literária definida.

Rubens de Mendonça foi um dos principais nomes do Modernismo em Mato Grosso, autor da História da Literatura mato-grossense, cronista, crítico e poeta, o escritor contribuiu significativamente para o resgate e afirmação dessa literatura. Parceiro de Rubens de Mendonça no grupo da revista Pindorama e no manifesto Graça Aranha, Gervásio Leite singulariza-se pelo encontro de sua forma literária com a estética moderna. Nele, apesar da pouca produção literária, a ruptura com os padrões estéticos da modernidade harmoniza-se com a figura contestadora do escritor, o que permite afirmar que o poeta foi mais modernista do que o amigo Rubens de Mendonça.

Contudo, foi Gervásio Leite ironicamente procura definir a língua que fala, ou melhor, dizendo, definir o modo como produzem a literatura do Estado. Gervásio Leite e Lobivar Matos valem-se do discurso poético comprometido com a denúncia do poder. São poetas que se posicionaram de modo oposto à elite cultural e acabaram compondo, em maior ou menor nível, o coro da expressão popular.

A elitização da literatura em Mato Grosso, conforme Hilda Dultra Magalhães (2002) foi propiciada pela afirmação de autores influentes politicamente, valendo-se da falta de consciência política na população como um todo. Por esse viés, o poeta da oposição é o porta voz do homem comum, do cidadão que vive à margem da política, sem condições de modificar seu próprio espaço e sem conhecer seu alheio.

## REFERÊNCIAS

MENDONÇA, Vida e obra. Catálogo de Exposição, 14 de outubro de 1982. Cuiabá: Imprensa Universitária, 1982.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da Literatura de Mato Grosso: século XX**. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

LIMA, Marinei Almeida. “**Pindorama: um passeio em seu texto editorial**”. In: RAMOS, Isaac Newton Almeida; RODRIGUES, Agnaldo (Orgs.). Ensaio de Literatura Comparada: Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde. Cáceres, MT: Unemat Editora, 2004.